

## A CONSTRUÇÃO DO NACIONALISMO EM GONÇALVES DE MAGALHÃES

Ariel Elias do Nascimento<sup>1</sup>

Moisés Carlos de Amorim<sup>2</sup>

Mônica Maria dos Santos<sup>3</sup>

*Submetido em 30/11/2018. Aceito em 25/07/2019.*

**Resumo:** A geração que iniciou o Romantismo no Brasil se organizou com um trabalho artístico e reformador em torno da pátria, sendo responsável por refletir sistematicamente a identidade nacional, preconizando o estudo acerca do Brasil. Tal geração despontava, no início do século XIX, influenciada pelos ideais estéticos revolucionários, surgidos na Alemanha e na França. Mas o romantismo foi, sobretudo, um movimento de transformações político-sociais, que mudaram as relações estruturais mais objetivas do ocidente. Gonçalves de Magalhães, com a obra *Suspiros Poéticos e Saudades* (1836), deu início ao movimento romântico e a transformação estética. Embora tivesse um espírito conservador, calcado em heranças neoclássicas, foi ele um importante escritor da época, pois consolidou as diretrizes da estética nacionalista: religião, saudosismo, cor local – três aspectos que o leitor encontra em seu livro. O grupo de Magalhães promoveu a revolução estética, criando uma revista - “Niterói” (revista brasiliense), órgão difusor de ciência e arte. Desde o início, o poeta esteve empenhado no trabalho de pesquisa acerca do Brasil, para em versos cantar a terra e louvar a pátria. Analisamos neste paper como o trabalho a produção literária de Gonçalves de Magalhães delinea a construção do conceito de nação no Brasil oitocentista, para tanto utilizamos uma pesquisa bibliográfica que analisa o livro de poesias *Suspiros Poéticos e Saudades* a partir das teorias de Candido (2014), Anderson (2008), Detienne (2013), Benjamin (2018), Said (2011), dentre outros autores.

**Palavras-Chave:** Poesia Brasileira, Conceito de nação, Romantismo.

### Introdução

Todas as épocas históricas possuem suas tramas, seus sabores, seus amores. Dentre elas, o período que se inicia em meados do século XVIII e termina em meados do século

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutorando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGEL-UFMT). Professor no Curso de História na Universidade Federal do Tocantins (UFT).

<sup>2</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO-UFMT) e Doutorando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGEL-UFMT).

<sup>3</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Professora de Literatura na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

XIX será o pano de fundo das análises que seguem, as quais terão por base compreender o material simbólico produzido por este período e como este produto final, que denominaremos de identidade e nação, constituirá o ponto de partida para a percepção de uma leitura de mundo crítica, elaborada a partir de um olhar que rompe com uma abordagem periférica conceitual para tornar-se porta voz de uma liberdade nacional.

Neste sentido, o cenário deste trabalho será o movimento romântico, que traz em si uma nova abordagem, um novo olhar sobre o real, a natureza, o homem, a vida. Pretende-se, com este movimento, assemelhar a obra de arte ao real natural. Uma das definições deste movimento foi a rebeldia. Os românticos rebelavam contra o poder opressor da monarquia e lutavam pelas autonomias individuais dos estados-nação.

O romantismo surgirá concomitante às manifestações políticas, culturais, ideológicas, frutos da revolução ocorrida em França a partir de 1789, desdobrando-se em importantes manifestações literárias não apenas na Europa, mas também no Brasil, reproduzindo as bases conceituais e ideológicas propagadas por esta rebeldia contra as monarquias.

No Romantismo, criou-se um sistema de obras, nas palavras de Antonio Candido (2014, p. 84), “agindo umas sobre as outras e sobre os leitores”, de modo que houve uma efervescência cultural extremamente rica. Embora, segundo Candido, a cultura letrada se restringisse à classe abastada do país, mesmo assim alguns intelectuais, na maioria deles poetas, utilizavam a declamação para que seus versos chegassem até o povo simples e iletrado.

Todo êxito artístico no período romântico ocorreu porque havia um projeto nacionalista, de desenvolvimento cultural, social e político no Brasil, em que se constituiu uma classe de intelectuais e de leitores. Por isso, a primeira geração romântica teve uma importância fundamental na construção da identidade e da cultura brasileira.

No caso específico deste trabalho, debruçaremos sobre o poeta Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882), que, ao longo de sua vida política, recebe os títulos nobiliárquicos de Barão e Visconde do Araguaia, amigo íntimo do imperador Dom Pedro II, exercendo cargos diplomáticos em Roma.

Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico a partir de 1838 (IHGB) e patrono da cadeira nº 9 da Academia Brasileira de Letras (ABL), Gonçalves de Magalhães é

considerado fundador do movimento romântico brasileiro com a publicação da obra: *Suspiros Poéticos e Saudades* (1836).

Nesta obra, Gonçalves de Magalhães apresenta um olhar que perpassa por uma preocupação sobre a nação: o amor incondicional à terra natal. A nação é apresentada de maneira bela e paisagística, cheia de esplendor, a partir da sua fonte natural; os seres humanos que nela vivem, com suas diversidades étnicas e sociais, são apagadas e esquecidas de sua narrativa. O ser humano que vivencia as belezas da terra é a figura sonhadora do poeta, quase sobrenatural.

### **A cidade no mundo ou algumas reflexões sobre o *modus operandi* de Gonçalves de Magalhães**

A cidade do Rio de Janeiro é o teatro onde os atores públicos transitam e consolidam suas relações sociais, políticas, econômicas. Este será o palco vivido por Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882), que faz de suas leituras e experiências de vida, o arcabouço teórico para se pensar sobre a realidade política brasileira.

Magalhães nasce com o Primeiro Reinado, tem a adolescência na Regência, a maturidade no Segundo Reinado. Sua morte acompanha os anos finais do Império de Dom Pedro II. Nas palavras de Alcântara Machado:

Tinha ele onze anos ao ser proclamada a Independência, e vinte ao tempo do desquite amigável, por incompatibilidade formal de gênios, entre a nação e o primeiro Imperador. Chegou à madureza, quando o Império entrava na virilidade. Envelheceu com a monarquia. Desapareceu para sempre nas vésperas do desabamento do trono (MACHADO, 1936, p. 5).

Segundo nos informa Machado (1936), a vocação de Gonçalves de Magalhães estaria entre o claustro, os estudos e os amigos, não havendo nada mais a se pensar, nem mesmo amores arrebatadores, que, ao que parece, passou longe deles.

Podemos inferir que foi justamente neste claustro para os estudos e nas conversas com os amigos, que se consolidou, neste jovem, uma visão de mundo alicerçada nas ideias que circulavam pela Europa e eram propagadas pelos livros e jornais do Rio de Janeiro.

Círculos de discussão e clubes de leitura fizeram parte do cenário intelectual do Brasil Império. Sobre este ponto, o que nos chama a atenção, diz respeito ao universo

mental, ou, como explica Carlo Ginzburg (1987) com sua circularidade cultural, ou mesmo Roger Chartier (1990) com suas apropriações. Neste sentido questionamos: até que ponto estes círculos de leitura interferem na percepção da realidade e no olhar crítico sobre a mesma?

Esta pergunta será respondida mais adiante, pois será necessário conceber o universo onde os intelectuais brasileiros, que deram início ao Romantismo no Brasil, circularam em vida pela Europa.

### **O mundo numa cidade ou Gonçalves de Magalhães no mundo**

Ao deixar Paris  
Sim, a custo te deixo, augusto alcáçar  
Do progresso, da luz, da liberdade  
(MAGALHÃES, 1836e, p. 339)

Gonçalves de Magalhães viaja à Europa para complementar seus estudos do colégio cirúrgico da Santa Casa de Misericórdia, onde havia acabado de se formar, em 1832. Sua viagem tem um destino certo, Paris. Nesta cidade, frequentou os cursos filosofia de Jouffroy, discípulo de Victor Cousin (filósofo muito apreciado por Gonçalves de Magalhães), na Faculdade de Direito de Paris.

A viagem também tem um motivo literário, no ensaio *Sobre a história da litteratura*, publicado no primeiro volume da Revista Literária Niterói (1836), Gonçalves de Magalhães explicita ao leitor que foi necessário visitar as “Bibliotecas de Paris, de Roma, de Florença, de Pádua e de outras principais cidades da Itália” (MAGALHÃES, 1836a, p. 137) no intuito de encontrar registros longevos relacionados aos escritores brasileiros.

Segundo as análises de Antonio Candido (2014, p. 33), “[...] os ensaios da Niterói evidenciam que os seus jovens autores não sabiam direito quais eram os escritores do passado, e Magalhães conta como andou fazendo busca em bibliotecas da Itália e da França, atrás de textos que não conseguia localizar.”

Paris, ao longo do século XIX, é considerada a capital cultural da Europa, sendo palco de investimentos culturais, comerciais, industriais. Suas ruas tornam-se o espaço público por excelência onde as mais diferenciadas culturas se cruzam, consolidando um

amálgama polifônico. Walter Benjamin, importante pesquisador sobre Paris do século XIX, em obra inacabada, nos apresenta visões desconcertantes desta cidade. Para tanto, propõe uma leitura alegórica a qual perpassa pelos problemas “do inferno” e as maravilhas “do paraíso” (BENJAMIN, 2018a; 2018b; 2018c). Visões de mundo que possivelmente fizeram parte da experiência de vida dos três amigos que desbravaram Paris: Gonçalves de Magalhães, Manuel de Araújo Porto Alegre e Francisco de Sales Torres-Homem.

Vamos começar com uma longa citação que Walter Benjamin extrai da obra *Paris N'existe Pas*, escrita por Paul-Ernest de Rattier em 1857. Nesta citação, Benjamin faz um recorte da pobreza encontrada na capital cultural da Europa:

A verdadeira Paris é naturalmente uma cidade escura, lamacenta, malcheirosa, confinada em suas ruas estreitas..., um formigueiro de becos, de ruas sem saída, de alamedas misteriosas, de labirintos que levam você a casa do diabo; uma cidade em que os tetos pontiagudos de casas sombrias se reúnem perto das nuvens, disputando com você o pouco de azul que o céu nórdico dá de esmola à grande capital... A verdadeira Paris é cheia de pátios de milagres, dormitórios a três centavos por noite, de seres inimagináveis e fantasmagorias humanas... Ali, numa nuvem de vapor de amoníaco... e em camas que não foram arrumadas desde a criação do mundo, repousam lado a lado centenas e milhares de saltimbancos, vendedores de fósforo, tocadores de acordeão, corcundas, cegos, mancos; anões e aleijados, homens com o nariz devorados em brigas, homens-borracha, palhaços envelhecidos, engolidores de espadas, malabaristas que equilibram um pau-de-sebo entre os dentes. (BENJAMIN, 2018b, p. 860-861)

Estes moradores dos cortiços que se escondem em dormitórios baratos, malcheirosos, serão os mesmos a se apresentarem nos espaços públicos e exibirem suas habilidades, sejam elas como comerciantes, lutadores, músicos ou como ilusionistas, sempre em busca de algum Franco Francês que custeie tanto um naco de pão, como lhes dê a garantia de poder voltar às suas alcovas uma noite mais.

Quais seriam os espaços onde estes moradores buscam seu sustento? Um dos lugares escolhidos são as galerias, ou passagens, onde haveria o trânsito de maior fluxo de pessoas de alta classe, as quais exibem suas qualidades cristãs ajudando os excluídos do capitalismo com moedas, troco de algum café ou charuto:

Estas passagens, uma recente invenção do luxo industrial, são galerias cobertas de vidro e com paredes revestidas de mármore, que atravessam quarteirões inteiros, cujos proprietários se uniram para esse tipo de especulação. Em ambos os lados dessas galerias, que recebem sua luz do

alto, alinham-se as lojas mais elegantes, de modo que uma tal passagem é uma cidade, um mundo em miniatura. (BENJAMIN, 2018a, p. 99-100)

A pesquisadora Maria Orlanda Pinassi (1996) apresenta, de forma sucinta, o cenário político deste período:

Examinada mais em detalhe, Paris revela um conjunto complexo de relações porque, conforme argumentavam, a nova sociedade [Monarquia Burguesa] exigia uma mentalidade e outras formas artísticas e literárias. É quando explode o Romantismo na França, e o modo de vida boêmio se insurge como a expressão de um conflito existente no interior dos valores burgueses. (PINASSI, 1996, p. 85-86)

Gonçalves de Magalhães, ao se deparar com este universo pomposo e polifônico, sofrerá uma transformação que atingirá, em cheio, sua verve poética, de forma a inundá-lo liricamente pelo movimento modernista que se inicia em Paris nos anos de 1830. A partir do mapeamento de suas estadias no interior da Europa, podemos avançar sobre algumas teses norteadoras; sua lira o leva a lugares inimagináveis; ao se deparar com o desconhecido, há uma exaltação de Deus como criador da natureza; sua verve e sua lira estão em sintonia com os acordes revolucionários, pois é percebido um forte tom político em seus versos.

Sobre seu itinerário no interior da Europa, temos como pista as datas e lugares onde ele esteve e escreveu uma grande parte dos poemas dos *Suspiros Poéticos e Saudades*. De modo geral, ele chega a Paris em 1833, em 1834 viaja para Roma, passando pelos Alpes suíços. Retorna para Paris no ano de 1835, fazendo inúmeras paradas nos reinos do norte da Península Itálica. Em 1836, começam os preparativos para as publicações de *Suspiros Poéticos e Saudades*, bem como do hebdomadário *Niterói*, ambos concluídos neste mesmo ano.

Contudo, esta história não tem início nos *Suspiros Poéticos e Saudades*, embora seja neste livro que ele apresente uma estrutura poética mais livre, dialogando com o modernismo lírico europeu. Seu caminhar tem início anos antes, na publicação de suas *Poesias* (1832). Neste livro ele lança mão dos principais temas que serão posteriormente retomados no livro que inaugura o Romantismo no Brasil: liberdade, nação e amizade.

Em um importante estudo realizado por Pinassi (1996), que se debruçou sobre este trio de amigos, para pensar a escrita da Revista *Niterói*, elaborada pelos três quando

estiveram na Europa em 1836, ela escreve o seguinte: “ainda na juventude, não havia entre eles nem aquiescência ao conservadorismo vigente, nem se aproximavam da cartilha jacobina” (PINASSI, 1996, p. 2); completa seu argumento da seguinte forma:

Na medida em que reivindicava um espaço na contestação civilizatória, forjada à luz da Revolução Francesa, o antilusitanismo [presente na mentalidade de Gonçalves de Magalhães], propõe, de fato, romper, com a nação que dominou e tolheu o Brasil durante três séculos de vigência colonial. (PINASSI, 1996, p. 7)

Alcântara Machado nos esclarece que “os autores da predileção de Magalhães eram então Young, Hervey, Souza Caldas e Klopstock” (MACHADO, 1936, p. 15). Destes autores, dois nos chamam a atenção: António Pereira Souza Caldas (1762-1814), homem das letras e da igreja católica, possui, dentre seus textos escritos, a *Ode ao homem selvagem* (1784), inspirado em Rousseau. Por conta desta obra, foi preso pelo Santo Ofício, acusado de possuir ideias heréticas associadas à liberdade proposta pela Revolução Francesa. Friedrich Gottlieb Klopstock (1724-1803), importante teatrólogo que tem por característica a produção de peças patrióticas, foi entusiasta das Revoluções Americana e Francesa, sendo convidado a tornar-se cidadão honorário da França.

Outra chave de leitura nos é apresentada por Torres-Homem; analisando os *Suspiros Poéticos e Saudades*. Em artigo homônimo, publicado no segundo número da revista Niterói, o autor explica que uma das inspirações de Gonçalves de Magalhães foi a “elevação dos pensamentos phylosophicos inspirados pela escola idealista Allemã, e pelas doutrinas do Christianismo” (TORRES-HOMEM, 1836, p. 248). Qual a importância e o problema desta citação: a importância está no vínculo existente entre Gonçalves de Magalhães e Torres-Homem – são amigos desde tenra idade, estudando e concluindo os estudos médicos no Colégio Médico-Cirúrgico da Santa Casa de Misericórdia (1832). Por esta aproximação de longa data, podemos supor quais são os autores da escola idealista alemã lidos por Gonçalves de Magalhães, o problema é que nem Torres-Homem, nem o próprio Gonçalves de Magalhães, fornecem esta informação, o que nos impede de avançar em análises mais aprofundadas.

Em que estas influências nos auxiliam? Elas apresentam não apenas como Gonçalves de Magalhães lia, mas como ele enxergava e dialogava com a realidade que o cercava, no caso, o desenvolvimento do Rio de Janeiro, seus símbolos, mitos, ritos; cidade

que abruptamente se transformava, saindo da categoria de vila e tornando-se uma *urbes* moderna, europeizada, perfumada, iluminada, calçada. Onde seria possível distinguir, sob o compasso rítmico das passadas, se o passante era um escravo, um negociante ou um aristocrata da corte. Citando Guinzburg (1987, p. 13): “relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo”.

Assim, tanto as leituras, quanto as experiências, constituirão, na mentalidade de Magalhães, as primeiras percepções críticas sobre a política, principalmente no que diz respeito ao processo da autonomia outorgada pelo Imperador Dom Pedro I, quando de sua abdicação ao trono, retornando a Portugal (7 de abril de 1831). Este acontecimento, que veio a dar início ao processo de emancipação política brasileira, foi amplamente saudado por Gonçalves de Magalhães em uma vasta produção de sonetos no livro *Poesias* (1832), e nos versos dedicados, de modo geral, à Liberdade, publicados nos *Suspiros Poéticos e Saudades* (1836).

### **Colonizador & colonizado - práticas discursivas**

Edward Said, em sua obra *Cultura e Imperialismo*, se debruça sobre modelos de como o ocidente metropolitano moderno estabeleceu relações de domínio sobre suas colônias ultramarinas. Um dos pontos pelos quais ele inicia sua abordagem, parte do esclarecimento de que todo discurso colonizador faz parte de um discurso imperialista. E que este discurso pertence a uma cultura hegemônica, para legitimar as conquistas de seu império. (SAID, 2011, p. 23-87)

Por outro lado, Benedict Anderson, na obra *Comunidades Imaginadas*, estabelece uma leitura crítica sobre os processos pelos quais levaram ao surgimento de um conceito único de Comunidade. Abordando criticamente os processos históricos que construíram uma identidade nacional a partir do desenvolvimento da imprensa como mercadoria, e com ela a propagação de um determinado arcabouço teórico-metodológico sobre este conceito, Anderson critica o papel dos editores da imprensa internacional que ignoravam as fronteiras nacionais. (ANDERSON, 2008, p. 71-83). Este tema passa a se tornar peça fundamental em nossa narrativa uma vez que as obras de Gonçalves de Magalhães são mercadorias publicadas, em sua maioria, com editores franceses, os quais determinavam os



padrões de publicação segundo os modelos franceses, impondo os mesmos modelos a uma sociedade que ficava à margem do sistema econômico capitalista, como a brasileira.

Partindo deste princípio, vamos fazer um panorama da Europa e perceber como o discurso legitimador do imperialismo está presente nas obras de Gonçalves de Magalhães; em outras palavras, como as percepções externas acabam por legitimar uma determinada visão de mundo que tem por base uma colônia. Dito de outra forma, como o colonizador se legitima no olhar do colonizado.

O ponto de partida será retomar o percurso feito por Magalhães no interior da Europa entre os anos de 1833 e 1836. Este mapeamento nos permite fazer uma analogia ao império francês, em especial quando ele faz referência a Napoleão e à própria Paris. Indiretamente o império francês é responsável pelo avanço cultural no Brasil, uma vez que é a invasão de Portugal por Napoleão que motiva a vinda da família real para o Brasil.

O século XIX está repleto de tensões políticas, econômicas, sociais; dentre estas tensões encontra-se as de fronteira, ou as questões que discutem a legitimidade política e administrativa de uma nação, ou Estado-Nação.

O pleno desenvolvimento industrial de uma pequena parte da Europa possibilita que os países industrializados consolidem políticas econômicas para assegurar uma plena expansão de sua indústria, bem como estabelecer novas fronteiras políticas de seu território. A este movimento, que em si, é repleto de tensões, dar-se-á o nome de imperialismo, que terá por base uma nova política econômica e jurídica, pautada no liberalismo.

Uma das características deste período de industrialização e expansão das fronteiras é a conquista de uma autonomia política propagada pelos Estados-Nação europeus; autonomia esta que veio se consolidando pelos ideais revolucionários franceses e expandidos para a Europa através da política expansionista de Napoleão Bonaparte (1789-1815).

É justamente esta característica que conseguimos flagrar na visão de mundo de Gonçalves de Magalhães, entorpecido pelos desdobramentos políticos europeus, que refletirão nas políticas internas do Brasil. Gonçalves de Magalhães estava ciente desta relação íntima entre os discursos de *liberdade* europeus e a vontade de *liberdade* perante o governo monárquico do Imperador Dom Pedro. O que nos garante esta assertiva? Duas são

as fontes que nos ajudam a compreender este argumento: o teor crítico dos poemas presentes em sua primeira obra *Poesias* (1832), onde apresenta uma visão clara e objetiva sobre os benefícios trazidos pela liberdade seja ela constitucional ou monárquica, haja vista os poemas dedicados à abdicação de Dom Pedro, deixando claro que o país, governado agora por um jovem príncipe regente teria de tudo para mudar os caminhos de uma jovem nação, há pouco rompido o pacto colonial.

É possível confirmar esse argumento na advertência da publicação de seu segundo livro de poesias, *Suspiros Poéticos e Saudades* (1836). Nesta advertência, Magalhães deixa claro que seus poemas, ou melhor, sua visão de mundo são fruto da experiência da vida cotidiana em diálogo pleno com a natureza. O que nos interessa aqui são as leituras de mundo transpassadas pelo desenvolvimento industrial europeu proveniente das liberdades econômicas, individuais, políticas dos países. E isto fica claro através de poemas que enaltecem e monumentalizam personalidades históricas que lutaram pelas liberdades individuais e nacionais, de seus respectivos países, com poemas dedicados a Filinto Elísio, Napoleão Bonaparte, General Lafaiete ou mesmo a própria Paris.

Concluindo este nosso primeiro argumento, a legitimidade do colonizador sobre o colonizado se dá a partir do momento em que suas perspectivas e visões de mundo se fundem, através de um discurso que legitima toda uma sociedade imperialista sobre uma sociedade colonizada. Percebe-se esta simbiose quando o discurso sobre Liberdade começa a ressignificar valores outros que não os produzidos e experienciados na Europa, haja vista que se luta por uma liberdade monárquica mantendo no poder seu filho como príncipe regente.

Esta ideia é bem clara em sua obra *Episódio da Infernal Comédia*, também publicada em 1836. Neste texto, escrito de forma a satirizar a política nacional, ele expressa uma realidade que tem por base as aparências que substituem as essências. Em outras palavras, ele elabora uma crítica sobre a sociedade *de Côrte*, pertencendo à Côrte, que vive em um mundo fantasioso, onde os discursos sobre Liberdade têm por ação o seu oposto, ou seja, quando se fala em liberdade, exalta-se as práticas de submissão frente às políticas sejam elas nacionais ou internacionais.

## Temas e abordagens na construção da nação

Um dos temas mais caros à poesia romântica brasileira é a saudade, profundamente sentida no exílio, longe da pátria. O diálogo com o amigo, que acompanha o sujeito lírico na contemplação da natureza, redime uma suposta solidão em terra estrangeira. Cada elemento da natureza é admiravelmente compreendido e amado: o monte, os mares, a estrela, as flores, o horizonte, a aurora, a brisa, cada elemento carrega a maravilha do infinito. Junto com o amigo, ele sobe o monte à procura de liberdade, de vastidão, de beleza. Vendo o sol iluminar-se, o sujeito lírico se recorda da sua terra natal – Brasil, onde o sol brilha sempre. A poética da saudade entre cá (onde estou) e lá (onde queria estar) marca o sentimento da poesia brasileira (basta avivar a memória com a *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias, em que o mesmo sentimento é expresso). Ao amigo, por fim, confia o desejo e o ímpeto do seu espírito: “Trabalhemos, amigo, pela pátria/Só por amor da pátria” (MAGALHÃES, 1836e, p. 61) projeto definidor dos homens de letras em busca da independência cultural e estética para o país.

Esse intento demonstra como havia um projeto artístico-literário acerca do Brasil. E, mais do que isso, um projeto de nação. O sujeito lírico de Magalhães reconhece que o trabalho é valioso, mas que não pode ser feito de maneira solitária, havendo a necessidade de unir com aqueles que possuem o mesmo ideal, organizando em grupos para criar um sistema, segundo a visão do professor Antonio Candido (2014).

Embora este sistema, do ponto de vista estético, se resume a consolidar reflexões em torno da identidade nacional, tais reflexões encontram legitimidade por se afirmar no retrato da natureza cor local, na acepção de Machado de Assis (1962), o artigo “Notícia sobre a atual literatura brasileira” [...] e no indianismo (bom selvagem, idealizado e livre dos valores culturais da civilização), dois temas caros à primeira geração romântica.

Assim, o poema abaixo coloca algumas questões importantes do romantismo brasileiro, como a descrição da natureza, e o trabalho em prol do Brasil, através da arte, da história e da política.

### Suspiros da Pátria

[...]

Mas, oh Pátria, quem causa mágoas tuas?

Ah! não fales, não digas... sofre... espera.

Eu conheço teu mal. Ah! não são estes,

Qu'inda os pulsos têm lívidos dos ferros,  
Recém-livres, costumes têm de escravos,  
Estes não são, que ao teu porvir brilhante  
As portas abrirão; são os seus filhos.  
Espera, espera, que o porvir é grande;  
E a vontade do Eterno, que os teus montes,  
O teu céu, os teus rios nos revelam,  
Será cumprida um dia: espera, espera.  
Ainda ontem te ergueste de teu berço;  
(MAGALHÃES, 1836e, p. 249)

O poema “Suspiros da Pátria” possui um tom de angústia, mas, ao mesmo tempo, esperançoso, projetando um futuro a ser construído pelas novas gerações. O lirismo patriótico demonstra que o sujeito lírico reconhece os problemas existentes na pátria e também a causa dos suspiros. Como no poema acima, o homem que ama a sua terra sofre junto com ela, buscando trabalhar para o seu desenvolvimento. O período romântico da 1ª geração reconhece que um país se constitui de passado, presente e futuro, das gerações de homens e mulheres, que fizeram e fazem parte da nação.

Ao se colocar junto ao sofrimento da pátria, que está sem liberdade e sem justiça, o sujeito lírico carrega uma tristeza de tal modo que, para ele, somente o futuro terá a bem-aventurança. No entanto, é necessário que, no presente, os patriotas brasileiros comecem a lutar pelo Brasil, pois assim, no porvir, haverá liberdade e justiça para as gerações posteriores.

Aqui, Gonçalves de Magalhães coloca o homem unido a outros homens para formar o ideal da nação brasileira. Toda nação surge e se consolida como invenção, como trabalho utópico no campo político e social:

Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regra tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWN; RANGER, 2006, p. 9).

A literatura romântica brasileira define uma escritura em torno do ideal patriótico, colocando a natureza, a saudade da pátria e o índio como os principais temas a serem abordados. Em verdade, o que era necessário era construir a história do Brasil, dando início a uma arte genuinamente brasileira, que se distanciasse de Portugal. Para Hobsbawm, “As sociedades que se desenvolveram a partir da Revolução Industrial foram [...] obrigadas a

inventar, instituir ou desenvolver novas redes de convenções e rotinas” (HOBSBAWM e RANGER, 2006, p. 11)

Por isso, a obra de Magalhães se insere nessa fase revolucionária, que nasceu no período romântico, de modo que, concomitantemente, surgiu também uma literatura estritamente nacional, problematizando questões relativas ao país. O nacionalismo utópico é o aspecto mais peculiar que o romantismo brasileiro produziu, influenciando gerações e gerações de intelectuais posteriormente. Para Antonio Candido:

De tudo se conclui que no primeiro quartel do século XIX esboçaram-se no Brasil condições para definir tanto o público quanto o papel social do escritor em conexão estreita com o nacionalismo. [...] os escritores, conscientes pela primeira vez da sua realidade como grupo graças ao papel desempenhado no processo de Independência e ao reconhecimento da sua liderança no setor espiritual, vão procurar, como tarefa patriótica, definir conscientemente uma literatura mais ajustada às aspirações da jovem pátria [...]. (CANDIDO, 2014, p. 89-90)

A obra poética de Gonçalves de Magalhães levanta essa problemática, fazendo a reflexão acerca do nacionalismo, louvando a natureza e a paisagem do Brasil. Embora, do ponto de vista estético, a renovação, de fato, ocorre com Gonçalves Dias, Magalhães foi um intelectual importante, que iniciou a revolução no campo das letras. Em seu trabalho poético, percebe-se que o ideal patriótico é uma espécie de combate, que ocorre no presente e se consolida no futuro, com as novas gerações. Para ele, a arte deve consagrar a utopia em favor da pátria: os escritores são os responsáveis por valorizarem a terra natal, pois assim o público, imbuído desse ideal nacionalista, encontrará na literatura os sentimentos mais significativos a respeito da nação. Para finalizar, a escritura de Gonçalves de Magalhães permanece não somente como um documento ético e estético da época, mas como um retrato vivo da saudade, exaltada pelos poetas no exílio e da natureza tropical, aspecto amplamente descrito nos textos da primeira fase do romantismo

### **Uma conclusão**

Nossa análise teve por base a leitura dos seguintes textos: *Poesias* (1832), *Suspiros Poéticos e Saudades* (1836), *Niterói* 1 e 2 (1836). Estas obras foram publicadas em um intervalo de quatro anos de intensa produção literária não apenas para Gonçalves de Magalhães, mas também para Araújo Porto-Alegre e Torres-Homem. Os três amigos que,

juntos, desbravaram os rincões da Europa para, ali, conceberem uma visão crítica não apenas sobre o desenvolvimento literário do Brasil, mas, sobretudo, sobre as próprias concepções de Liberdade política ou autonomia jurídica do Brasil perante a política colonizadora imposta por Portugal através do pacto colonial.

Para tanto, partimos da análise de que havia desde há muito, um ambiente propício para que se construísse na mentalidade destes homens esta visão crítica sobre a realidade. Contudo, foi somente em contato com a realidade europeia, em contato direto com a vida e as experiências sejam elas em Paris, Roma, ou no monte Jura em Poligny-França, que fortaleceu esta verve política contestatória nesta mocidade brasileira.

Isto significa dizer que, caso estivessem no Brasil, a produção de Gonçalves de Magalhães seria a mesma? Ele mesmo responde, afirmando na advertência de sua obra (1836), onde explicita que os poemas ali contidos são fruto de sua experiência como peregrino pelo interior da Europa. Outrossim, quando todos eles: Gonçalves de Magalhães, Manuel de Araújo Porto Alegre e Francisco de Sales Torres Homem desembarcaram no Brasil, trazendo consigo os exemplares dos livros publicados na Europa, perceberam que em solo pátrio não havia mais condições de se organizar um terceiro número da revista crítica Niterói, uma vez que as condições políticas e econômicas que se encontrava em terras brasílicas, sob o período regencial, não proporcionavam análises críticas tal qual vinham proporcionando distantes do Brasil.

Contudo, vale cruzar neste momento dois pontos da carreira de Gonçalves de Magalhães: por um lado, sua exaltação sobre a nação brasileira, desejando voltar o mais breve possível, para enfim, poder morrer em solo pátrio; por outro, e como um jogo destes que o destino gosta de pregar, sua morte em território europeu. De acordo com dados do site da Biblioteca Nacional Digital (BND) e no artigo “Os brasileiros no Instituto Histórico de Paris”, escrito por Maria Alice de Oliveira Faria (FARIA, 1965), em 1847, Gonçalves de Magalhães passa a exercer, atividades diplomáticas sendo designado como encarregado de negócios nas duas Sicílias, no Piemonte, na Rússia e na Espanha; ministro residente na Áustria; ministro dos Estados Unidos, Argentina e na Santa Sé - Roma, onde morreu.

Entre uma citação e outra encontramos não a casualidade, o infortúnio, ou mesmo o acaso do destino, mas sim passos muito bem pensados. Gonçalves de Magalhães foi um estrategista, aproximando-se do poder a ponto de se manter nos círculos decisórios por

onde se consolidaria e construiria os discursos dos mitos nacionais, forjando um passado, ou dando ao passado uma legitimidade política, econômica e social.

Para que seu discurso assumisse uma roupagem de legitimidade, outros passos começam a ser dados, como tornar-se membro do Instituto Histórico de Paris, fundado em 1833 e, posteriormente, sendo sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB, fundado em 1838. Pierre Bourdieu dará o nome de campo simbólico, este espaço de poder que legitima o discurso apenas de quem participa dele (ARAÚJO, ALVES e CRUZ, 2009).

Cabe esclarecer um último ponto, que ficou em aberto: abordar a questão do elo entre as obras de Gonçalves de Magalhães e a ideia de identidade ou de nação. Para dar início a nossa argumentação, faremos um paralelo com os pontos elencados por Marcel Detienne, em sua obra *A identidade nacional, um enigma* (2013). Segundo este autor, tanto o conceito de Identidade, quanto o conceito de Nação, fazem parte de uma construção histórica relacionada ao entendimento de pertencimento de uma determinada cultura. Detienne, ao explicar os conceitos, esclarece que:

O [...] valor semântico [de Identidade] evoca a consciência que uma pessoa tem de si mesma, o que é ser si mesmo, em suma, o sentimento de identidade pessoal de um indivíduo contemporâneo, pressionado no dia a dia a cultivar a identidade do mais 'personalizado' si. Nação se origina em nascer e nascimento, o que exige um lugar e um agente criador. [...], nação designa um conjunto de seres humanos caracterizados por uma comunidade de origem, de língua e de cultura. (DETIENNE, 2013, p. 11)

Partindo desta premissa, Detienne estabelece um paralelo da Identidade e da Nação como fundamento para o pertencimento, pertencer-se, ou como ele escreve, a identidade é uma herança que persevera no ser de forma a não se dividir, tal como a nação. (DETIENNE, 2013, p. 73). Para que esta herança se torne indivisível, é fundamental dois fatores: 1) o papel da escola e do ensino de história como constitutivo das memórias locais, regionais, nacionais; 2) o papel do cemitério, como constitutivo de preservar o passado e sua história.

É justamente neste ponto que conseguimos dialogar com os textos de Gonçalves de Magalhães, pois este autor, ao se tornar sócio do Instituto Histórico de Paris e membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, bem como professor do Colégio Pedro II, acaba por possuir um espaço que legitima seu discurso. Por esta feita, sua

participação nas sessões do IHGB cria um passado local, regional, nacional que será necessário para legitimar as identidades nacionais presentes neste segundo reinado. A questão da morte e do cemitério, faz-se presente no poema abaixo, pois morrer e ser enterrado em solo pátrio significa entender-se como brasileiro, com uma identidade indivisa, compreendendo de forma plena o pertencer-se à nação, como enraizador de sua identidade nacional, de modo a se “criar um estado de espírito nacional que a pátria, por sua vez, requer.” (DETIENNE, 2013, p. 74)

Adeos, oh terras da Europa!  
Adeos, França, adeos Paris!  
Volto a ver terras da Pátria;  
Vou morrer no meu Paiz.  
(MAGALHÃES, 1836e, p. 365)

## REFERÊNCIAS

ABL. **Academia Brasileira de Letras**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/>>. Acesso em: 12 set 2018.

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARAÚJO, F. M. D. B.; ALVES, E. M.; CRUZ, M. P. Algumas reflexões em torno dos conceitos de Campo e de Habitus na obra de Pierre Bourdieu. **Revista Perspectivas da Ciência e Tecnologia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 31-40, jan-jun 2009. ISSN 1984-5693. Disponível em: <<https://revistascientificas.ifrj.edu.br/revista/index.php/revistapct/article/view/14/14>>. Acesso em: 11 abril 2019.

ASSIS, J. M. M. D. Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade [1873]. In: ASSIS, J. M. M. D. **Crítica literária**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1962.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, v. 1, 2018a.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, v. 2, 2018b.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, v. 3, 2018c.

BND. **Biblioteca Nacional Digital**. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/goncalves-de-magalhaes>>. Acesso em: 25 out 2018.



CANDIDO, A. **Romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas; Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 2002.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa; Rio de Janeiro: Difel; Editora Bertrand Brasil, 1990.

DETIENNE, M. **A identidade nacional, um enigma**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013

FARIA, M. A. D. O. Os brasileiros no Instituto Histórico de Paris. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB**, Rio de Janeiro, v. 266, p. 68-148, jan/mar 1965. ISSN 0101-4366. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/0B\\_G9pg7CxKSsU0FkNEtBTzR4dlk/view](https://drive.google.com/file/d/0B_G9pg7CxKSsU0FkNEtBTzR4dlk/view)>. Acesso em: 12 set 2018.

GUINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução de Maria Betania Amoroso e José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. (Coleção Pensamento Crítico, n. 55).

IHGB. **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/>>. Acesso em: 29 out 2018.

MACHADO, A. **Gonçalves de Magalhães ou o romântico arrependido**. São Paulo: Saraiva & Cia, 1936.

MAGALHÃES, D. J. G. D. **Poesias**. Rio de Janeiro: Typographia R. Ogier, 1832.

MAGALHÃES, D. J. G. D. Ensaio sobre a história da litteratura do Brasil. **Nitheroy - Revista Brasiliense: ciencias, letras e artes. Tomo Primeiro**, Paris, v. 1, p. 132-159, 1836a.

MAGALHÃES, D. J. G. D. **Espólio da infernal comédia ou da minha viagem ao Inferno**. Paris: Beaulé et Jubin, 1836b.

MAGALHÃES, D. J. G. D. **Suspiros poéticos e Saudades**. Paris: Beaulé et Jubin, 1836e.

MAGALHÃES, D. J. G. D.; PORTO ALEGRE, M. D. A.; TORRES-HOMEM, F. D. S. **Nitheroy - Revista Brasiliense: ciencias, letras e artes. Tomo Primeiro**. Paris: Beaulé et Jubin, v. 1, 1836c.

MAGALHÃES, D. J. G. D.; PORTO ALEGRE, M. D. A.; TORRES-HOMEM, F. D. S. **Nitheroy - Revista Brasiliense: ciencias, letras e artes. Tomo Primeiro**. Paris: Beaulé et Jubin, v. 2, 1836d.

PINASSI, M. O. **Três devotos, uma fé, nenhum milagre**: um estudo da Revista Niterói. Tese (Doutoramento em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas: Universidade Estadual de Campinas, 1996.

SAID, E. W. **Cultura e imperialismo**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TORRES-HOMEM, F. D. S. Suspiros poéticos e saudades. **Nitheroy - Revista Brasiliense: ciencias, letras e artes. Tomo Primeiro**, Paris, v. 2, p. 246-256, 1836.

## THE CONSTRUCTION OF NATIONALISM IN GONÇALVES DE MAGALHÃES

**Abstract:** The generation that initiated the Romanticism in Brazil organized itself with an artistic and reformer work around the homeland, being responsible for systematically reflecting the national identity, advocating the study about Brazil. This generation emerged at the beginning of the nineteenth century, influenced by the revolutionary aesthetic ideals that emerged in Germany and France. But romanticism was, above all, a movement of socio-political transformations that changed the more objective structural relations of the West. Gonçalves de Magalhães, with his work *Poetic Sighs and Nostalgia* (1836), initiated the romantic movement and the aesthetic transformation. Although he had a conservative spirit, based on neoclassical legacies, he was an important writer of the time, since he consolidated the guidelines of nationalist aesthetics: religion, nostalgia, local color – three aspects that the reader finds in his book. The group of Magalhães promoted the aesthetic revolution, creating a magazine – “Niterói” (brazilian magazine), diffuser organ of science and art. From the beginning, the poet was engaged in the research work on Brazil, in verses singing the land and praising the homeland. We analyze, in this paper, how the work of Gonçalves de Magalhães, his literary production, delineates the construction of the concept of nation in nineteenth-century Brazil. For that, we use a bibliographical research that analyzes his book of poetry, *Poetic Sighs and Nostalgia*, from the theories of Candido (2014) Anderson (2008), Detienne (2013), Benjamin (2018), Said (2011), among other authors.

**Keywords:** Brazilian Poetry. Concept of nation. Romanticism.